



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**VICTÓRIA RÉGIA FREIRE MATIAS**

**QUESTÕES EMOCIONAIS DE PAIS DE CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO  
INTEGRATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de artigo como requisito ao Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, sob orientação do Prof. Dr. Roberto Nascimento de Albuquerque

BRASÍLIA, 2020

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu bom Deus, pelo dom da vida, por ter permitido que tudo isso se firmasse.

Aos meus pais, pelo apoio de sempre.

Ao meu esposo, Joel por toda paciência e companheirismo.

Agradeço, em especial ao meu filho Jorge, meu anjo azul, que me ensina diariamente que diagnóstico não é fim, é só um recomeço, que me faz ter fé e coragem para lutar por essa causa e levantar a bandeira do autismo com muito amor e alegria.

Ao meu orientador, mestre e doutor Roberto Nascimento de Albuquerque, pela orientação, pela disponibilidade e pelas contribuições.

Aos familiares e amigos da vida, que através de gestos e palavras me incentivaram durante toda minha caminhada.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

*“O conhecimento é poder. Utilize parte do seu tempo para educar alguém sobre o autismo. Não necessitamos de defensores. Necessitamos de educadores. ”*

Asperger Women Association

## QUESTÕES EMOCIONAIS DE PAIS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Victória Régia Freire Matias <sup>1</sup>

Roberto Nascimento de Albuquerque <sup>2</sup>

### RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista, tem como características principais: comprometimento cognitivo, dificuldade na comunicação e linguagem e presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. Essa situação pode afetar pais e cuidadores de crianças autistas no momento que recebem o diagnóstico. Frente ao exposto, o presente estudo teve como objetivo verificar as principais questões emocionais vivenciadas pelos pais de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista. Por meio de uma revisão integrativa de literatura observou-se que as questões mais debatidas sobre o assunto se referem às situações emocionais apresentadas na descoberta do diagnóstico, o medo e ansiedade pós-diagnóstico, além das dificuldades encontradas na relação entre familiares e no cuidado do filho com autismo. Ressalta-se que a literatura sobre questões emocionais dos pais de crianças autistas é escassa e necessita-se de novas pesquisas a fim de contribuir e aprofundar as discussões sobre tal temática.

**Palavras chave:** Transtorno do Espectro Autista; Transtorno Autístico; Família.

### ABSTRACT

Autistic Spectrum Disorder, has as main characteristics cognitive impairment, difficulty in communication and language, and the presence of repetitive and stereotyped behaviors. This situation can affect parents and caregivers of autistic children at the time they receive the diagnosis. The present study aimed to verify the main emotional issues experienced by the parents of children diagnosed with autism spectrum disorder. Through an integrative literature review, it was observed that the most debated questions on the subject refer to the emotional situations presented in the discovery of the diagnosis, the fear and anxiety after diagnosis, in addition to the difficulties found in the relationship between family members and in the care of the son with autism. The literature on emotional issues of parents of autistic children is scarce and further research is needed in order to contribute and deepen the discussions on this topic.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder; Autistic Disorder; Family.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

<sup>2</sup> Mestre e doutor em Enfermagem. Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde, estima-se que uma em cada 160 crianças tenha Transtorno do Espectro Autista (TEA). No Brasil, embora faltem estudos epidemiológicos que possa estimar melhor os dados nacionais, verifica-se que são mais de dois milhões de brasileiros apresentam tal transtorno, sendo mais frequente no sexo masculino. (OMS, 2014).

Sua etiologia ainda é desconhecida, mas seu desenvolvimento pode envolver alguns fatores como influências genéticas, vírus, toxinas, desordens metabólicas, intolerância imunológica, ou falha na estrutura e no desenvolvimento de funções cerebrais. Sabe-se que o seu desenvolvimento pode ter contribuição hereditária, devido à forte inter-relação de fatores genéticos, como a idade dos pais, prematuridade, baixo peso ao nascer, condições ambientais e pré-natais, podem contribuir com o desenvolvimento do autismo (PINTO, 2016).

A concepção do termo “espectro do autismo” remete a idealização de um contínuo heterogêneo de uma série de aspectos e dimensões, variando em maior ou menor grau, seja leve ou grave, manifestando assim sinais e alguns sintomas, e também seu nível de evolução e necessidades, tratamento e educação (BARCELOS et al., 2020).

O TEA geralmente se apresenta por meio de qualquer combinação entre três características principais: comprometimento cognitivo, dificuldade na comunicação e linguagem, e comportamentos repetitivos e estereotipados (MACHADO, 2016).

De acordo com Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014), o autismo pode ser classificado em três níveis: (1) leve, (2) moderado e (3) severo. No grau leve a criança apresenta dificuldade em iniciar interações com outras pessoas, sejam adultos ou crianças, necessitando de apoio contínuo para melhorar as dificuldades na comunicação social; no grau moderado, a criança tem déficit na comunicação tanto verbais como não-verbais, prejuízo social devido à pouca tentativa de iniciar uma interação social com outros; já o grau severo de TEA corresponde a intransigência no comportamento, dificuldade excessiva na mudança de rotinas, além de alto estresse para mudar de foco ou atividade (ALMEIDA et al., 2017).

Ressalta-se que os sinais do TEA podem surgir desde os primeiros meses de vida criança, porém, muitas vezes os pais (em especial, a mãe) notam essas alterações por meio de mudanças de comportamento por meio de atividades repetitivas e estereotipadas do filho, além dos déficits de linguagem que essa criança pode apresentar durante o contexto social, (CARDOSO et al., 2012).

Além disso, outras alterações podem ocorrer, tais como: falta de contato emocional com outros indivíduos, ausência de fala ou formas atípicas de comunicação, fascinação por alguns objetos e destreza no seu manuseio, comportamento ansioso e possessivo, desejo de manter rotinas, evidências de inteligência, habilidades com jogos de encaixe e montagem e, especialmente, o sinal clínico de isolamento (BRASIL, 2013).

Os critérios utilizados para o diagnóstico de autismo são especificados no Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-V. O diagnóstico de TEA é especialmente clínico, feito a partir de anamnese contendo todas as informações desde o nascimento, relato dos genitores, observações da criança, aplicação de instrumentos específicos, exames laboratoriais para descarte de síndromes entre outros (GOMES, 2015).

Segundo Mapelli (2018), a trajetória diagnóstica da criança está marcada pela interação da família com comportamentos pouco comuns que a criança passa a manifestar no dia a dia, são perceptíveis tais manifestações através desses déficits, na comunicação/linguagem, na interação social, dificuldade na socialização e o déficit comportamental, onde se encaixa a necessidade do autista em estabelecer uma rotina, além dos movimentos repetitivos e as estereotípias, presentes na maioria dos casos (SANTOS, 2017).

Assim, a família precisa adaptar-se à essa nova realidade e reorganizar-se para enfrentar o desafio de viver, conviver, descobrir e compreender o filho autista e, que muitas vezes, esses familiares podem se deparar com sentimentos de desânimo, desesperança e cansaço (BARBOSA et al., 2012).

Esses familiares trazem consigo um misto de sentimentos; para muitos, o pesar é inevitável; aquela idealização do filho “perfeito” some; dá lugar à culpa, ao medo e à incerteza. Muitas vezes a sensação de “luto” faz-se necessária para que, mais na frente, haja um recomeço (BRASIL, 2014).

Contudo, pela falta de conhecimento sobre o que abrange o TEA e suas características, muitos pais acabam dificultando seu desenvolvimento e interação com a sociedade e mundo. As famílias têm a dificuldade de aceitar o diagnóstico, escondendo-o e privando-lhe do contato com outras pessoas; essa realidade cria uma barreira no desenvolvimento da criança e trazem consequências na sua vivência (NUNES, 2019).

Nesse sentido, o governo brasileiro criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e incluiu a necessidade de se preocupar-se, também, com os pais e cuidadores dessas crianças. Tal Política prevê “o

incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis” (BRASIL, 2012).

Em consonância com essa necessidade de incluir os pais nos cuidados da pessoa com TEA, o Ministério da Saúde lançou, em 2014, condutas para diagnóstico precoce e tratamento, que contemplam o projeto terapêutico singular na perspectiva da habilitação e reabilitação, apoio e acolhimento à família, fluxograma de acompanhamento e atendimento na rede do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2015).

Ressalta-se que o autista, como qualquer outra criança, só pode ser bem-sucedido na aprendizagem, desenvolvimento e formação, se houver uma integração entre os componentes da equipe multidisciplinar que acompanhará o desenvolvimento dessa criança durante um longo período, e ao mesmo tempo possam fornecer aos pais e cuidadores acolhimento, escuta e orientação de acordo com as necessidades distintas de cada família (BRASIL, 2014).

Frente ao exposto, o presente estudo tem como questão norteadora: “Quais são as questões emocionais envolvidas entre os pais de crianças autistas e como eles lidam com esses sentimentos?”

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é verificar as principais questões emocionais vivenciadas pelos pais de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista.

## **2. MÉTODO**

O presente estudo tratou-se de uma revisão integrativa de literatura, a qual constitui-se um método de pesquisa que reúne e sintetiza conhecimentos científicos relevantes, dando suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica (MENDES et al., 2008).

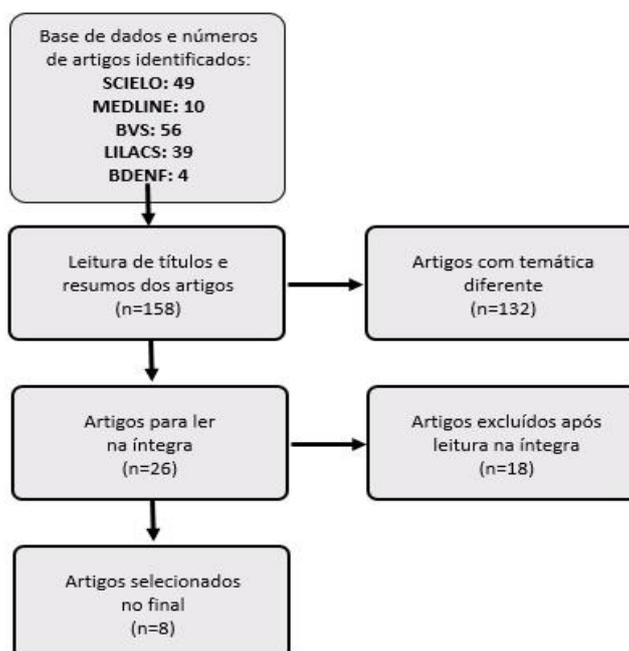
A busca do referencial teórico foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2020 por meio de pesquisa eletrônica na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) na qual abrange a Biblioteca Virtual de Saúde Enfermagem, a Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE) e Scientific Eletronic Library Online (SCIELO). Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “autismo”, “família”, “transtorno autístico”.

Foram empregados os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados nas referidas bases de dados nos últimos dez anos, em português, na íntegra e que contemplassem o tema proposto para esta pesquisa. Artigos que não estivessem disponíveis na íntegra, em duplicidade, fora do período estabelecido e que não abordassem o tema proposto, além de teses e dissertações foram excluídos da pesquisa.

### 3. RESULTADOS

Para a seleção dos artigos foi realizada, inicialmente, a leitura dos títulos e resumo e, posteriormente, a leitura do texto na íntegra das publicações selecionadas. Neste primeiro momento foram encontrados 158 artigos. Destes, 132 apresentavam temática diferente à proposta nesta pesquisa. Dos 26 artigos restantes, 18 deles foram excluídos após a leitura em sua íntegra. Sendo assim, foram selecionados oito artigos que integraram o escopo da discussão desta presente pesquisa. Essa seleção de artigos encontra-se conforme apresentado na figura 1.

**Figura 1** - Fluxograma da seleção dos artigos incluídos para a revisão integrativa.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Após essa análise prévia, os artigos selecionados foram caracterizados quanto ao título, ano, autor, base de dados e os resultados obtidos, conforme quadro 1.

**Quadro 1** - Distribuição dos artigos que fazem parte da revisão integrativa.

<b>Título</b>	<b>Autores/Ano</b>	<b>Base de Dados</b>	<b>Resultados</b>
A família, o cuidar e o desenvolvimento da criança autista.	SILVA; SANTOS et al. (2018)	SCIELO	Há a necessidade de mostrar aos familiares a importância de estimular a criança para seu próprio cuidado de acordo com suas fases de crescimento e desenvolvimento, realizando a divisão de tarefas com os demais membros da família envolvidos com a criança.
O ambiente familiar e o desenvolvimento da criança com autismo.	CARMO; ZANETTI; SANTOS (2018)	SCIELO	Constatou-se que as relações entre os membros de uma família influenciam significativamente os comportamentos, crenças, sentimentos e, principalmente, o desenvolvimento de cada membro dentro do sistema familiar.
Características e especificidades da comunicação social na perturbação do espectro do autismo.	REIS, PEREIRA, ALMEIDA (2016)	SCIELO	Observou-se a importância da intervenção precoce para melhorar a participação dos pais no contexto social e promover oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento, além de habilidades sociais e comunicação.
Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.	PINTO; TORQUATO et al. (2016)	SCIELO	É compreensível que a revelação do diagnóstico do TEA tenha causado efeitos importantes no âmbito familiar, principalmente no relacionamento entre os pais e os demais familiares.
Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores.	MISQUIATTI; BRITO et al. (2015)	SCIELO	A avaliação da sobrecarga do cuidador contribui para a análise do real impacto que essa condição determina em suas vidas e é um importante fator na promoção de saúde e bem-estar.
Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias.	EBERT, LORENZINI, SILVA (2015).	SCIELO	O diagnóstico pode não ocorrer precocemente, mas as mães detectam os primeiros sinais e sintomas, e a partir de suas percepções buscam atendimento de saúde que pode elucidar o diagnóstico e ofertar tratamento para estas crianças.
Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais.	ZANON, BECKES, BOSA (2014)	SCIELO	Os pais são capazes de reconhecer os primeiros sinais de autismo em seus filhos. Isso torna-se um gatilho para a procura de um especialista e que podem levar ao diagnóstico precoce.
Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil.	ZANATTA; MENEGAZZO et al. (2014)	SCIELO	Refletir, analisar e tentar mensurar os sentimentos, dificuldades e emoções que emergem no contexto familiar a partir do momento em que a criança autista passa a fazer parte dele constituem-se em uma tarefa complexa e singular.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Buscando facilitar o entendimento acerca da temática proposta, optou-se por distribuir os resultados em duas categorias: 1) A descoberta do diagnóstico, o medo e a ansiedade pós-diagnóstico e; 2) A relação familiar e o cuidado do filho como TEA.

## **4. DISCUSSÃO**

### **4.1 A descoberta do diagnóstico, o medo e a ansiedade pós-diagnóstico**

Sabe-se que o caminho percorrido pelos pais até chegar na definição do diagnóstico do TEA de seus filhos é bastante árduo. O diagnóstico precoce é essencial e tem um peso muito importante, pois possibilita o início das intervenções direcionadas, tratamento específico, e, apesar de não existir cura para o autismo, essa tarefa de estimular imaturamente, promover melhora significativa no desenvolvimento e independência de crianças autistas, além de confortar os pais que o acompanham (REIS, 2016).

Isso porque, enquanto não se tem um diagnóstico definitivo, os pais têm esperança de que o atraso da criança seja menos complexo, criando falsas expectativas de que os sinais e sintomas apresentados é algo transitório e passível de resolução, apesar das evidências clínicas dentro do espectro (PINTO et al., 2016).

Dessa maneira, observou-se que após a confirmação do autismo, surgem novas preocupações, sentimentos aflorados e inquietações no cenário familiar. E, a partir desse momento, os genitores e, em especial a mãe, passam a dedicar-se quase que integralmente ao filho (EBERT et al., 2015). As incertezas, os medos e demais sentimentos que podem surgir nesse momento, faz com que a figura materna passe a dedicar boa parte do seu tempo para o filho (PINTO et al., 2016).

Além disso, as famílias de crianças diagnosticadas com TEA se deparam com um cenário impactante e uma necessidade de readaptação de papéis, podendo repercutir na mudança da rotina diária da família, dos cônjuges, na rotina da criança, nas questões financeiras e nas relações familiares como um todo (EBERT et al., 2015).

A ansiedade e o medo do futuro são questões importantes quando se verificados entre os pais com crianças com TEA. Além dos desafios de cuidar do filho, muitos pais se isolam do convívio social por medo de não saberem lidar com os olhares de outras pessoas para seu filho, receio de falharem no cuidado, além da busca incansável pelos melhores acompanhamentos, apoio psicológico, profissionais e seus respectivos tratamentos (ZANATTA, 2014).

## **4.2 A relação familiar e o cuidado do filho com o TEA**

Sabe-se que a vivência de pais cujo filho é diagnosticado com autismo têm suas histórias e sua organização familiar diretamente afetada pelo fato de ter que se adequarem à essa nova rotina de cuidados. Isso porque, além de uma participação quase que integralmente com a equipe terapêutica que acompanha seus filhos, eles precisam estar preparados para amenizar os impactos e mudanças na vida dessa criança (SILVA & SANTOS et al., 2018).

Frente ao exposto, autores afirmam que conviver com o diagnóstico de TEA de seus filhos é uma tarefa árdua, difícil, cansativa e, por vezes, dolorosa. Além dos vários sentimentos que a família vivencia, existem pessoas que ainda têm pouco conhecimento sobre o que é o autismo, o que torna mais sofrido e de difícil aceitação para os membros (PINTO, 2016).

Portanto, pais e demais familiares necessitam ressignificar seus papéis, além de se preocuparem com a divisão de responsabilidades; caso contrário, a família pode se desestruturar, causar rupturas e separações conjugais (ZANATTA et al., 2014). O processo de enfrentamento do transtorno autístico pode abalar as estruturas familiares e desencadear mudanças em toda a sua dinâmica (MISQUIATTI et al., 2015).

Observou-se que todos os membros da família desempenham papel importante em todos os processos, pois contribuem positivamente em todas as terapias empregadas para o desenvolvimento da criança autista. Cada avanço alcançado reflete significativamente na harmonia, no prognóstico e na qualidade de vida da criança, do lar e respectivamente dos familiares. Ressalta-se ainda que as diversas situações que advêm do ambiente familiar podem afetar positivamente ou negativamente o desenvolvimento da criança autista. Isso porque a aliança parental em relação às atividades diárias pode influenciar de maneira positiva no desenvolvimento da criança (CARMO, 2018).

No que se refere ao cuidado direito da criança com TEA, novamente a figura materna foi mencionada entre os artigos selecionados. Autores afirmam que a observância da dependência, seja ela parcial ou total do filho, muitas mães passam a dedicar-se integralmente do cuidado dos filhos, além de abdicarem, na maioria das vezes, das suas vidas pessoais e profissionais para garantirem total apoio e segurança durante essa trajetória. Essa dedicação exige muita responsabilidade, gera uma sobrecarga física e emocional (ZANATTA et al., 2014).

Por fim, cabe salientar a importância da orientação aos pais em relação às questões

cognitivas, comunicacionais e relacionais que envolvem o filho com TEA. Além disso, torna-se extremamente importante suscitar momentos de partilha para que discutam sobre as mudanças que virão na vida do casal, sobre as questões financeiras que envolvem diferentes tipos de tratamento e, principalmente, sobre a qualidade de vida de seus filhos. (CARMO, 2018).

## 5. CONCLUSÃO

Foi possível compreender através dessa revisão integrativa da literatura que os principais sentimentos e emoções experienciados pelos pais com filhos autistas estão presentes desde o momento dos primeiros sinais apresentados pelo filho, passando pela angústia do diagnóstico e o medo do futuro – tanto dos pais quanto do filho.

Essas emoções que adentram a vida dos familiares, como o medo, ansiedade, a culpa e o aceitar essa nova situação é um processo longo e que exige muita dedicação por parte dos pais.

É certa que a caminhada dos pais de autistas é repleta de desafios; um deles é o medo de ver seu filho sofrer. A mãe de autista, como viu-se nesta pesquisa, atua como peça fundamental no processo das intervenções e tratamento da criança, abdicando por muitas vezes da sua vida pessoal e profissional para dedicar-se com devoção a acompanhar os passos do filho, o que contribui para resultados positivos e notáveis. Coube a ela especial atenção.

Observou-se que a literatura sobre o Transtorno do Espectro Autista tem se intensificado nos últimos anos. Essas publicações estão relacionadas, principalmente, à etiologia, diagnóstico e prognóstico da pessoa com tal transtorno, porém continuam escassa as pesquisas que discutem as questões emocionais de pais e cuidadores dessas pessoas.

Portanto sugere-se que novas pesquisas do campo da saúde mental sejam realizadas para que haja um maior amparo e apoio à essas famílias durante todo o decurso do cuidado de pessoas com TEA. Além disso, profissionais de saúde precisam estar preparados e capacitados para darem suporte e orientação aos pais e cuidadores que, conforme este estudo, podem estar abaladas e em sofrimento psíquico.

## REFERÊNCIAS

Associação americana de psiquiatria (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

BARBOSA, M.A.M; BALIEIRO, M.M.F.G; PENTENGILL, M.A.M. et al. Cuidado centrado na família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva. **Texto contexto - enfermagem**., Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 194-199, Mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000100022>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BARCELOS, C. K; MARTINS, A.F.M; et al. **Jornal Brasil of Develop.**, Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. Curitiba, v. 6, n. 6, p. 37276-37291, jun. 2020. Disponível em: <http://doi:10.34117/bjdv6n6-310>. Acesso em: 18 nov. 20.

BRASIL. Lei nº 10.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro autista (TEA)**. Importância da detecção de sinais iniciais de problemas de desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, 2014, p. 16-31. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_reabilitacao\\_pessoa\\_autismo.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf). Acesso em: 16 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2015. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha\\_cuidado\\_atencao\\_pessoas\\_transtorno.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf). Acesso em: 16 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. **Ministério da Saúde**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha\\_cuidado\\_atencao\\_pessoas\\_transtorno.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf). Acesso em: 15 nov. 2020

CARMO, M.A; ZANETTI, A.C.G; SANTOS, P.L. O ambiente familiar e o desenvolvimento da criança com autismo. **Revista Enfermagem UFPE**. Recife, v.13, n.1, p.206-215. jan., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v01i01a237617p206-215-2019>. Acesso em: 12 nov. 20

CARDOSO, C. et al. Desempenho sócio-cognitivo e diferentes situações comunicativas em grupos de crianças com diagnósticos distintos. **Jornal Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**., São Paulo, v. 24, n. 2, p. 140-144, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2179-64912012000200009>. Acesso em: 17 nov. 2020.

EBERT, M; LORENZINI, E; SILVA, E, F. Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias. **Revista Gaúcha de Enfermagem.**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 49-55, Mar. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.43623>. Acesso em: 17 nov. 20.

GOMES, P.T.M. et al. Autismo no Brasil: uma revisão sistemática dos desafios familiares e estratégias no enfrentamento. **Jornal de Pediatria. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 91, n. 2, p. 111-121, Apr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2014.08.009>. Acesso em: 17 nov. 2020.

MACHADO, F. P. et al. Respostas parentais aos sinais clássicos de autismo em dois instrumentos de rastreamento. **Audiologia e Comunicação. Res.**, São Paulo, v. 21, e1659, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2015-1659>. Acesso em: 18 nov. 2020.

MENDES, K. D.S; SILVEIRA et al. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto – enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, Dec. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 19 nov.

MISQUIATTI, A. R. N et al. Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 192-200, Feb. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0216201520413>. Acesso em: 15 nov. 2020.

NUNES, D. R. P.; SCHMIDT, et al. Educação especial e autismo: das práticas baseadas em evidências à escola. **Caderno de Pesquisa.**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 84-103, Sept. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053145494>. Acesso em: 15 nov. 2020

OPAS/OMS (Organização Pan-americana de Saúde/Organização Mundial de Saúde – Brasil). **Folha informativa – Transtornos do espectro autista**. Disponível no site: <http://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>. Acesso em: 16 nov. 2020

PINTO, R.N. M et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem.**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, e 61572, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Acesso em: 17 nov. 2020.

PEREIRA, A.A.D; ALMEIDA, L.A. Processos de adaptação de crianças com transtorno do espectro autista à natação: um estudo comparativo. **Revista Educação Especial em Debate** v. 2 n. 04 p. 79-91 jul.dez.2017. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/REED/article/view/17822>. Acesso em: 15 nov. 20.

REIS, H. I. S; PEREIRA. et al. Características e Especificidades da Comunicação Social na Perturbação do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial.**, Marília, v. 22, n. 3, p. 325-336, Sept. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000300002>. Acesso em: em 17 nov. 2020.

SANTOS, R.K.; VIEIRA, A.M.E.C.S. Transtorno do espectro do autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. **Revista Includere.** Rio Grande do Norte. v. 3, n. 1, p. 219-232. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7413>. Acesso em 18 nov. 2020.

SILVA S.E.D; SANTOS et al. A família, o cuidar e o desenvolvimento da criança autista. **Jornal Health BioSciencia**. Fortaleza, v.6 n.3. p.334-341. 2018. Disponível em: <http://doi:10.12662/2317-3076jhbs.v6i3.1782.p334-341.2018>. Acesso em: em 18 nov. 2020.

ZANATTA, E.A; MENEGAZZO E. et al. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. **Revista Baiana de Enfermagem**, v.28, n.3, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v28i3.10451>. Acesso em: 13 nov. 2020.

ZANON, R.B; BACKES, B; BOSA, C.A; Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia.: Teoria. e Pesquisa.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 25-33, Mar. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000100004>. Acesso em: 17 nov. 2020.

De acordo.



**Prof. Roberto Albuquerque**

**Orientador**